

**Martha Ribeiro**

Universidade Federal Fluminense

## A insurreição dos corpos na arte: refazer o corpo, esculpir afetos

Antonin Artaud quis salvar o teatro do "real", quis refazer o poder do teatro por obra da crueldade, instituindo de novo e de novo uma cena-dança às avessas: corpos sem órgãos, insubordinados. O projeto de Artaud se constituiu em diferentes tentativas de insurreição de seu corpo, um corpo em devir-ato, refeito infinitamente para poder existir. E a via para esse refazimento incessante do corpo era apostar nos saberes-do-corpo contra toda regulação, contra toda anatomia, contra todo estupro do "deus ladrão". A comunicação propõe como prática da "insurreição dos corpos", a experimentação dos ritmos, dos sopros, da respiração, enquanto potências de refazimento e libertação do corpo-anatômico, corpo-castrado. Busca-se através dos termos e das imagens fulgurantes dos escritos de Artaud, o gesto de combate e resistência ao programa sistemático de extermínio dos saberes-do-corpo. Crueldade, corpo sem órgãos, anatomia furtiva como arma de guerra para combater os corpos dóceis, domesticados e higienizados. Esses corpos insubordinados, corpos em arte, se refazem experimentando-se, esculpindo afetos, transfiguram-se num gesto de retomada do corpo contra os processos disciplinares de controle, subordinação e de extermínio dos corpos "impróprios": corpos que agem, que não permitem a sujeição das suas forças, que se colocam ao avesso de toda utilidade e de toda significação. Escapando ao controle do sistema de representação, de fabricação de corpos dóceis, como dirá Foucault, esses 'corpos impróprios' se mostram e desafiam, com a indiscrição de sua carne, nossa imaginação, desvelando diante de nós, através de seus corpos extravagantes, um caminho para a liberdade.

---